

PF diz que objetos achados em rio são de Bruno e Dom

DESAPARECIMENTO NA AMAZÔNIA

PF confirma que itens de Bruno Araújo e de Dom Phillips foram localizados no rio Itaquá, no oeste do Amazonas

Objetos são encontrados

■ FERNANDA STRICKLAND
■ PEDRO GRIGORI

A Polícia Federal confirmou que a mochila com pertences encontrada pelo Corpo de Bombeiros do Amazonas, na tarde de ontem, é do jornalista britânico Dom Phillips. O comitê de crise, coordenado pela Polícia Federal, divulgou uma nota informando que dentro da bolsa havia objetos dele e do indigenista Bruno Pereira.

Segundo a nota, foram percorridos cerca de 25 km, com buscas minuciosas pela selva, em trilhas existentes na região, áreas de igapó e furos do Rio Itaquá. "Na região onde se concentraram as buscas foram encontrados objetos pessoais, sendo um cartão de saúde em nome de Bruno Pereira". Além disso, tinha uma calça preta e um chinelo preto que pertencem a Bruno e mais dois pares de botas — um de cada. Os objetos foram encontrados

submersos em uma área que tinha sido isolada no sábado, pela Polícia Federal, às margens do rio Itaquá. Indígenas que auxiliavam nas buscas haviam sinalizado que a mata no local tinha sinais de que um objeto de grandes proporções havia adentrado pelo local. A União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Unijavá) afirmou, por meio da assessoria jurídica, que os objetos estariam "amarrados para não submergir". "Já estamos fechando o cerco e vamos encontrar de hoje para amanhã algum vestígio (dos desaparecidos)", disse a assessoria da Unijavá.

A corporação confirmou também que uma embarcação foi encontrada na mesma região pela Unijavá, que aparentemente pertence a Amarildo da Costa Oliveira, conhecido como Pelado, que está preso de forma provisória, por 30 dias, desde quinta-feira. "Os órgãos federais estaduais reforçam o compromisso com a elucidação

Na região onde se concentraram as buscas foram encontrados objetos pessoais, sendo um cartão de saúde em nome de Bruno Pereira"

Trcho da nota da PF

dos fatos e mantêm a esperança de encontrá-los". Informa a PF Estão em análise também restos orgânicos encontrados no local.

Mistério

Dom e Bruno desapareceram em 5 de junho. A última vez que eles foram vistos foi na comunidade de

São Gabriel. Eles haviam viajado até a região de barco, pelo Lago do Jaburu, e pretendiam voltar à cidade de Atalaia do Norte. Bruno acompanhava Dom como guia, e era a segunda vez que eles viajavam pela região. Eles desapareceram em uma área conhecida como Vale de Javari, região de selva amazônica que abriga pelo menos 26 povos indígenas, muitos deles isolados da civilização exterior.

O jornalista tem 57 anos e atua como correspondente no Brasil do jornal britânico The Guardian. Nasceu na Inglaterra, ele mora no Brasil há 15 anos, onde escreve, principalmente, reportagens sobre a Floresta Amazônica. Atualmente, ele estava trabalhando em um livro sobre preservação ambiental e desenvolvimento local. Já Bruno tem 41 anos e é especialista da Fundação Nacional do Índio (Funai). Dentro e fora do órgão, ele atua na defesa dos povos indígenas, posição que o fez receber ameaças regulares de criminosos na região.

Polícia Federal/Olivalgaio



O material estava submerso e foi localizado na tarde deste domingo

Omissão favorece avanço da violência

■ TAINÁ ANDRADE
■ ISADORA ALBERNAZ

A Amazônia tem sido um imenso pedaço de terra abandonado pelos governos. A falta de um plano de desenvolvimento para estimular o potencial de geração de riquezas na região, com os recursos naturais presentes, e o incentivo de um modelo econômico predatório, abre caminhos para a criminalidade ambiental, cujo narcotráfico se ramifica. Conseqüentemente, a violência se torna desenfreada. De 2011 a 2020 houve um salto de 47,3% nas mortes violentas intencionais (MVI) na região, de acordo com o estudo Cartografias das Violências na Região Amazônica, produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em parceria com o Instituto Clima e Sociedade (ICS) e Grupo de Pesquisa Terra-UEPA (2021).

O mapeamento fez um cruzamento de dados para entender se homicídios na região estavam conectados com crimes ambientais. Foi descoberto que queimadas ilegais, exploração de madeira, garimpo e desmatamento estão, na maioria, relacionados à grilagem de terras. Chegou a 58,4% a quantidade de áreas que foram desmatadas na Amazônia Legal para práticas criminosas. Isso porque terrenos com a floresta derrubada podem valorizar em até 20 vezes na hora de fechar um negócio na localidade.

A questão é que a atividade ilegal favorece também o crescimento dos conflitos rurais. As ameaças, tentativas de intimidação, extorsão, agressões e assassinatos representam 62,4% dos casos. Enquanto nada de feito, quem mais sofre são os próprios ribeirinhos. Eduardo Maia Bettini, doutorando em Conservação de Florestas Tropicais pelo Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas (INPA), esteve com as comunidades ribeirinhas da região de Coari, no Amazonas, para realizar a pesquisa Estratégia de Componentes Múltiplos e Segurança Multidimensional na Proteção e Conservação da Floresta Amazônica. Ao questionar sobre a violência, descobriu que a maior parte da população é pacata e aversa à violência que se instala.

"São pessoas extremamente pacatas e que sofrem muito com a violência. Há uma desagregação do tecido social, por conta do isolamento e da falta de apoio que chamamos de pirata na água, eles deixam de navegar. Deixam de ir de uma comunidade para outra e isso vai enfraquecer a própria

Toda essa violência está se agravando não só pelo o que vemos, mas pelo o que sentimos em nossos territórios"

Taiá Surui, fundadora do Movimento de Juventude Indígena de Rondônia

cultura (ribeirinha)", pontuou.

Indígenas

O Amazonas e o Pará são os estados que mais sofrem com o problema — os registros são de 44% a um e 31,3% para o outro, respectivamente. A violência contra os indígenas que vivem nas regiões também cresceu, o registro foi de 58.327 terras de famílias indígenas invadidas, um aumento de 25%. Os registros nos últimos anos, com grande foco em 2020.

"Toda essa violência está se agravando não só pelo o que vemos, mas pelo o que sentimos em nossos territórios. Hoje, o Brasil é o quarto país mais perigoso para ativistas ambientais e dos direitos humanos. Enquanto o nível de violência geral diminuiu, entre os indígenas, aumentou. Desacreditamos na Funai há muito tempo. A Funai, que deveria estar do nosso lado, parece que está contrária a gente", argumenta a fundadora do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia, Taiá Surui.

Ela acredita também que a impunidade e a morosidade da Justiça agravam o problema. "Temos não só uma omissão, mas também um incentivo para que esses crimes ambientais aconteçam. Estamos criando uma cultura de impunidade e não conseguimos respostas", denunciou. Sidney Possuelo, especialista em povos indígenas isolados do Brasil, relembra que as terras indígenas foram separadas pelo Estado para que os povos pudessem viver com segurança, mas temido o desrespeito contínuo. "Tudo favorece para que eles estejam contra (a legalidade), principalmente hoje porque tem dentro do país, o Bolsonaro que está na defesa dos vingadores das Terras Indígenas."

■ **71,8%** das terras invadidas foram de famílias indígenas (58.327)

■ Aumento de 25% de registros de invasões de terras indígenas

■ **1.576** registros de conflitos em 2020, quando houve o pico

■ **Estagiária sob supervisão de Carlos Alexandre de Souza**

Crimes ambientais

Os crimes ambientais predominam na Amazônia Legal, entre eles, as queimadas ilegais, exploração de madeira, garimpo e mineração ilegal, e a grilagem de terras, sobretudo em 2020, que houve um pico.



NARCOTRÁFICO

A Amazônia é uma área estratégica para o tráfico nacional e internacional, pela geografia fronteiriça com países mundialmente conhecidos pelo faturamento de produtos ilícitos, como drogas e armas: Bolívia, Peru e Colômbia. A dificuldade da fiscalização dos órgãos institucionais brasileiros fez com que, com o passar dos anos, tradicionais faixões do país dominassem a região, assim como novos grupos locais passaram a se formar.

Principais faixões que atuam na Amazônia Legal

- Acre:** CV, PCC, Bóndes dos 13 e Irmandade Força Alva, Responsabilidade Acreana (HARA)
- Amazonas:** Família do Norte (FDN), PCC e Família do Coari
- Amapá:** Família Terror do Amapá e União Criminoso do Amapá
- Mato Grosso:** CV, PCC e Comando Terrorista do MT
- Pará:** CV, Comando Classe A (CCA), PCC, FDN, Primeira Guerrilha do Norte (PGN), Bóndes dos 40, Equipe Rex e Galera do Auré (GGA)
- Maranhão:** CV, PCC, Bóndes dos 40, Primeiro Comando do Maranhão (PCM) e Comando Organizado do Maranhão (COM)
- Roraima:** CV, PCC, FDN, Primeiro Comando Pando (PCP), Trem do Arará e Prato
- Rondônia:** Bóndes dos 13, CV, CCA, PCC, Primeiro Comando do Pando (PCP)
- Tocantins:** CV, PCC e Máfia Tocantinense

Taxas de homicídio

Sudeste - **19,2%**
Norte - **260,3%**
De indígenas: **+ 21,6%** em 10 anos

Crimes relacionados ao narcotráfico na região da Amazônia

- Garimpo e mineração ilegal
- Desmatamento
- Contrabando de madeira
- Mortes intencionalmente violentas
- Conflitos fundiários

CONFLITOS FUNDIÁRIOS

A violência no meio rural está associada a explorações ilegais do meio ambiente e a conflitos fundiários. Na Amazônia Legal, os conflitos rurais representam 62,4%. O Estado do Amazonas era o responsável por 46% dos registros até 2013. A partir disso, se observou uma mudança de localidade da violência, houve o registro de 31% do total de assassinatos no Pará.

- **71,8%** das terras invadidas foram de famílias indígenas (58.327)
- Aumento de 25% de registros de invasões de terras indígenas
- **1.576** registros de conflitos em 2020, quando houve o pico

Fonte: Cartografias das Violências na Região Amazônica, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em parceria com o Instituto Clima e Sociedade (ICS) e Grupo de Pesquisa Terra-UEPA (2021).

QUEIMADAS, DESMATAMENTO E CONTRABANDO DE MADEIRA

A grilagem está associada às queimadas e ao desmatamento na Amazônia Legal. Ao desmatar, a terra pode ser valorizada em até 20 vezes. Neste cenário, acontecem os conflitos que podem ser armagás, tentativas de intimidação, extorsão, agressões e assassinatos.

- **99,4%** das áreas desmatadas na Amazônia Legal são por práticas criminosas
- **40%** das queimadas são na Amazônia Legal
- Os índices percentuais em 2019 foram maiores do que o ano anterior e 63,2% maiores do que os do ano de 2015. Já em 2021, só no primeiro semestre, o INPE indicava um aumento de 25,6% em relação ao mesmo período do ano de 2019

Atividades que estão associadas à devastação:

- Expansão de fronteiras agrícolas
- Grandes projetos de infraestruturas
- Atividades pecuárias

EXTRAÇÃO ILEGAL DE MADEIRA

- A apreensão e a pressão em terras indígenas e Unidades de Conservação aumentaram entre 2016 e 2020.
- A atividade se concentra no Amapá, Roraima, Pará e Amazonas.
- Em florestas públicas, os maiores valores registrados são no:
 - Pará, Marajó e a parte Sudeste
 - Amazônia, os municípios de Itaituba e Santarém.

GARIMPO

- De 2010 a 2020, o garimpo na Amazônia Legal foi de **93,7%**
- Aumento 495% em áreas indígenas
- Aumento de 301% em Unidade de Conservação
- A cada quatro hectares minerados no Brasil, três estão na Amazônia. Mas o Pará é o local onde mais acontece, o epicentro é na bacia do rio Tapajós, no sudoeste do Estado.
- De 1985 a 2020, em cada 4 hectares minerado no Brasil, três estavam na Amazônia. Há a concentração de 93,7% dos garimpos na região, sendo o Pará o responsável pela maior reunião da atividade criminosa. O epicentro está localizado na bacia do rio Tapajós, no sudoeste do estado.

DESAPARECIMENTO NA AMAZÔNIA

Familiares, amigos e apoiadores prestaram homenagens ao indigenista Bruno Pereira e ao jornalista Dom Phillips em atos no Rio, Brasília e Belém. Artistas e Pelé fizeram mobilização nas redes sociais

Protestos pelo país

Apelo dos artistas

Uma semana depois do desaparecimento do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips, familiares, amigos e apoiadores fizeram homenagens em grandes cidades do país. Os atos ocorreram no Rio de Janeiro, em Brasília e em Belém.

Na capital federal, a concentração foi no Eixão, durante a tradicional interdição da via para lazer. O ato no Rio de Janeiro foi na Avenida Atlântica, em frente ao Posto 6, em Copacabana. Era lá que Dom fazia aulas de stand-up paddle quando morou na cidade. Há um ano, ele e a mulher se mudaram para Salvador. Um grupo de aproximadamente 50 pessoas segurou cartazes com fotos dos desaparecidos e gritou, em coro: "Onde estão Dom e Bruno?"

Estiveram presentes ao ato os sogros do jornalista britânico. A aposentada Maria Lúcia Farias Sampaio, 78 anos, mãe de Alessandra Sampaio, casada com Dom, disse a jornalistas que acredita que "ele já não está mais entre nós". "Para ser sincera, não existe mais esperança", afirmou. Phillips está no Brasil há 15 anos. O sogro do jornalista, o aposentado Luiz Carlos Rocha Sampaio, 80, tem esperanças. "Eu ainda alimento a esperança de encontrá-lo. Peço a Deus que não seja em vão essa nossa luta."

Além de Alessandra, o casal tem outros dois filhos. Uma delas está em Salvador com a irmã e o irmão, o produtor Marcus Farias Sampaio, 49, participou do ato na zona sul do Rio. "A gente sabe que é muito difícil. Enquanto não

Carl de Souza/AFP



Familiares e amigos participaram de manifestação na praia de Copacabana: cobrança por respostas

houver uma resposta definitiva, a gente tem que acreditar. Mas a gente está aguardando o pior, embora tenha muita fé", disse. A atriz Lucélia Santos também participou do ato. "Esse episódio vem escancarar a

realidade trágica e horrorosa que está acontecendo no Brasil hoje. Que perseguem e matam as pessoas nessa região já é do conhecimento de todos. O que a gente não podia imaginar é a vulnerabilidade do Exército,

de não reunir as condições adequadas para a busca. A sociedade precisa se unir e exigir do governo o esclarecimento do caso. Dom e Bruno não podem simplesmente sumir no interior da floresta", disse a atriz.

Após a atriz Malu Mader fazer um apelo ao governo para que "se empenhe" nas buscas pelo jornalista Dom Phillips e pelo indigenista Bruno Pereira, outros artistas começaram a postar vídeos cobrando uma resposta para o caso. Famosos como Cláudia Abreu, Bruna Lombardi, Antônio Grassi e Gregório Duvivier iniciaram uma onda de protestos, no Twitter, cobrando ajuda para salvar a Amazônia e respostas. Nas imagens, eles perguntam: "Onde estão Bruno e Dom Phillips?"

Também na mesma rede social, Dira Paes, Gaby Amarantos, Camila Pitanga e Paola Oliveira marcaram as contas oficiais do governo federal, do Ministério da Defesa e da Polícia Federal em um postagem com a mesma pergunta "cadê Bruno e Dom?".

Rei Pelé

Além dos artistas, o comentarista e ex-jogador de futebol Walter Casagrande e o rei do futebol Pelé utilizaram as redes sociais para cobrar as autoridades brasileiras que intensifiquem as buscas pelo indigenista Bruno Araújo Pereira e o jornalista inglês Dom Phillips.

Pelé compartilhou um vídeo da esposa de Dom Phillips no qual ela faz um apelo aos órgãos competentes para encontrarem seu marido. O ex-jogador comentou no vídeo: "A luta pela preservação da Floresta Amazônica e pela proteção dos povos indígenas é de todos nós. Estou comovido com o desaparecimento de Dom Phillips e Bruno Ferreira, que dedicam suas vidas para isso. Me junto às muitas vozes que fazem o apelo para intensificarem as buscas".



Para ser sincera, não existe mais esperança"

Maria Lúcia Farias Sampaio, sogra de Dom Phillips

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Brasil Pagina: 5 e 6